

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São PauloClass.: 92Data: 19.02.85Pg.: 3

## Índios x garimpeiros

Um dia a História registrará que a marca do governo Figueiredo foi o *bom-mocismo* — e que o Brasil só perdeu com isso. No setor da mineração, cujo desenvolvimento pode significar a redenção do País, a curto prazo, o *bom-mocismo* distinguiu alternadamente, de acordo com as circunstâncias do momento, garimpeiros e índios, sempre em prejuízo da lavra mecanizada, racional, apta a aproveitar reservas de teores mais baixos, e rentável, capaz de produzir mais e melhor. Agora, o governo defronta-se com um problema que, diante de seus vícios de origem, parece praticamente insolúvel: garimpeiros invadiram, em Roraima, uma reserva habitada por índios ianomânis; e estará recitando, aflito, não o famoso monólogo *to be or not to be*, mas outro, francês, *entre les deux mon coeur balance*.

Em Serra Pelada, a Companhia Vale do Rio Doce foi desalojada pelas hordas de garimpeiros que lá se encontram até hoje, a maioria mourejando à toa, sem instrumental adequado, à espera do bamburrão miraculoso. Nunca se saberá quanto a mais teria rendido a jazida aurífera se fosse permitido explorá-la adequadamente, com máquinas suscetíveis de extrair dela o máximo de seus recursos naturais. Nas reservas indígenas, onde de resto quase não há

índios (em algumas delas, a taxa de ocupação chega a ser de 0,002 silvícola por hectare), permite-se a estes sentar sobre jazidas que podem valer bilhões de dólares. Um decreto, vivamente defendido pelo governador do Amazonas, neto de índios, foi elaborado, a fim de pôr termo a esse absurdo, franqueando o subsolo à pesquisa e à lavra mineral, empreendidas por empresas brasileiras. A simples divulgação de que seria publicado o texto legal, mobilizou-se a frente *patriótica* formada por grupos de pressão que rezam pela cartilha do *quanto pior, melhor*: antropólogos, sociólogos de esquerda e padres *progressistas* entoaram em coro um protesto veemente contra a iniciativa. O presidente da Funai veio a público vociferar contra a medida, sem argumentos válidos em vista do bem comum, mas amparado pelo vezo da demagogia, da qual o governo treme de medo. Resultado: o decreto foi recolhido, para ser reexaminado; e não mais se falou nele.

Agora, os titulares do poder público serão forçados a chegar a uma definição, a menos que resolvam deixar o problema para a administração a ser instalada em 15 de março, condenada a herdar a massa falida de escândalos e dificuldades sem nome e sem medida. Se não for assim, terá

de passar a mão pela cabeça dos ianomânis que são donos da reserva mencionada, Surucucus, ou deixar que os garimpeiros se acomodem lá e comecem a cavar a terra com instrumentos semelhantes aos que eram usados no século XVIII. É seguro que se o eficiente deputado Sebastião Curió, *herói* de Serra Pelada, ex-amigo e ex-desafeto do general João Baptista Figueiredo (com o qual se reconciliou, afinal), baixar em Surucucus, o gol da vitória pertencerá aos garimpeiros. Se o bravo parlamentar não partir em socorro dos invasores, a sorte da peleja dependerá de fatos fortuitos, que são impossíveis prever agora.

Curioso é constatar um fato: os homens que alcançaram a reserva de Roraima para lá se dirigiram graças a um movimento organizado. Foram convocados por panfletos que davam conta da abertura dos garimpos de Ericó e Santa Rosa, em Surucucus, e embrenharam-se na mata, a partir da fazenda São Luiz, para atingir o local de trabalho, porque puderam desembarcar de aviões que desceram na pista de pouso da fazenda, de propriedade de Maria de Lourdes Pinheiro, vereadora cujo prestígio político é de não se pôr defeito, ligada que se diz ao ex-governador Ottonar de Souza Pinto e ao ministro César Cals. Um dos invasores decla-

rou que a ocupação da reserva deverá ser feita de forma pacífica; e a área tende a ser transformada em nova Serra Pelada.

Enquanto o decreto que legaliza a mineração nas reservas indígenas dorme nas gavetas palacianas ou ministeriais, o garimpo, afoito, cria uma situação de fato que constitui precedente para muitas outras, idênticas. A conclusão a tirar de tudo isso é uma só: no Brasil destes dias, desde que se tenha costas largas, vale mais a pena andar à margem do Direito ou transgredi-lo do que singrar o rumo que ele traça, dentro dos limites que estabelece. Os garimpeiros que o digam. Tivesse sido prorrogado, para mal de todos e infelicidade geral da Nação, o mandato do atual chefe do Executivo, esse episódio de Roraima teria um encaminhamento peculiar, típico do estado de coisas que aí está: Surucucus seria entregue aos invasores, removidos os ianomânis para outra área, melhor e mais saudável. Mas aí dos empresários, por brasileiros que fossem, que tentassem imitar os protegidos do deputado Curió! Seriam corridos a pau, sob as penas da lei, apupados pela demagogia de estilo, contingente valorizado da burrice nacional — dado sociológico da maior importância para compreender a crise deste país de fábula.